

MATADOUROS vs CULTURA

“Em termos gerais, de todos os alimentos sólidos, os vegetais frescos e as frutas maduras contêm a maior proporção de substâncias nutritivas e a menor quantidade de substâncias nocivas. Como estamos a escrever estas linhas para o aspirante à vida superior e não para o público em geral, podemos dizer também que os alimentos de origem animal devem ser abolidos completamente sempre que possível.”

– Conceito Rosacruz do Cosmos

Foi com particular satisfação que li esta semana, num jornal de grande circulação, um artigo sobre o aproveitamento de edifícios de antigos matadouros, a maior parte ao abandono há largos anos, para a criação de centros de arte ou de incubação de empresas.

O que achei deveras curioso nesse artigo do jornal é que nos 7 casos descritos, espalhados pelo país, seja comum a transformação de um local de tortura e morte, em espaços de fruição cultural e de desenvolvimento. Aliás o próprio artigo começa com a frase “Foram locais de matança, hoje são sítios de criação”. Sabemos pelos ensinamentos de grandes ocultistas (Max Heindel, Leadbeater, Annie Besant, etc), que os matadouros são locais com uma energia tenebrosa que influencia negativamente todo o espaço envolvente. Só essa transmutação poderia tornar viável a “limpeza” de todas as nuvens negras que ainda possam pairar sobre esses locais.

Infelizmente a desativação de muitos matadouros não significa um decréscimo no consumo de carne. São substituídos por grandes unidades industriais, talvez com melhores condições de higiene, mas onde a violência e o sofrimento continuam a existir.

No entanto nem tudo é mau. Nos últimos anos o crescimento do mercado de alimentação vegetariana tem tido um crescimento muito significativo. Em Portugal, de 2008 a 2018 esse crescimento foi de 514% e em 2019 a subida continuou. Em 2020, embora a pandemia tenha fechado muitos restaurantes, as opções vegetarianas nos supermercados são cada vez mais diversificadas. Não podemos dizer que se trata de uma moda, pois se grandes cadeias de fast-food introduzem nos seus menus opções vegetarianas e vegans, é porque existe procura suficiente para essas opções. Não significa obviamente que isso seja saudável, mas pode ser uma alternativa em várias situações, e acima de tudo é um sintoma de que há cada vez mais pessoas a abandonar o consumo perverso de consumir carne.

O mundo não vai mudar de um dia para o outro. Levará muito tempo ainda até que a maior parte da humanidade opte por uma alimentação que não inclua animais, mas

devemos ser tolerantes para com os outros. Tal como diz a Bíblia – “não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim o torna impuro (Mateus 15:11). Max Heindel foi muito explícito sobre essa atitude de não censurar nem impor os nossos pontos de vista – *“A mudança tem de vir de dentro e isso não pode ser imposto pelo facto do regime vegetariano ser mais saudável, nem pela aceleração espiritual que se obtém mediante uma dieta não carnívora. A motivação mais elevada deve ser a compaixão pelas pobres vítimas que são sacrificadas para satisfazer os nossos apetites”* (cartas aos estudantes nº 10).

O que podemos fazer para acelerar essa mudança?

- Em primeiro lugar, estimular um consumo mais moderado de carne, junto daqueles que nos são próximos, alertando para os perigos da alimentação carnívora que a ciência tem divulgado com muita insistência;
- Dar a conhecer alternativas saudáveis e nutritivas, mas ao mesmo tempo apelativas, porque até pode acontecer que algumas pessoas tenham vontade de alterar a sua alimentação mas que efectivamente não saibam como o fazer porque apenas aprenderam a cozinhar com carne e peixe;
- Aproveitar as redes sociais para estimular a mudança, sem extremismos obviamente. Vemos com muita frequência a frase humorista “O vegetariano só come alface” como legenda de belas sugestões vegetarianas, com fotos e recitas muito apelativas. Porque não participar e estimular esse movimento?

Mas voltando ao título deste pequeno texto – existem também localidades que estão a remodelar as antigas praças e touros e transformá-las em espaços de cultura e desporto – só podemos estar optimistas em relação ao futuro!

António Neves
14-12-2020